



O Perfil Jornalístico – Um Gênero Em Discussão Na Obra De Joel Silveira¹

Mariana Carolina Mandelli² - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista - Unesp/Bauru

Orientação: Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões³ - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista - Unesp/Bauru

Resumo

A proposta deste projeto é realizar uma análise dos perfis jornalísticos escritos por Joel Silveira. Para tanto, será necessária a utilização de teorias que abordam a problemática dos gêneros jornalísticos, objetivando caracterizar o perfil como tal. A partir de textos que datam da década de 1940 até 1960, será possível avaliar esse tipo de produção de um dos profissionais que mais contribuiu para o jornalismo brasileiro.

Palavras-chave

Perfil jornalístico; Joel Silveira; gêneros jornalísticos.

Introdução

O jornalismo realizado atualmente em nosso país, nas grandes redações de revistas, jornais e agências virtuais de notícias é marcado pela padronização e homogeneização que se reconhecem em sua manifestação textual. Tal padronização é visível, por exemplo, nas regras e regulamentações dos manuais de redação presentes nas revistas e jornais de grande circulação. O primeiro parágrafo do texto noticioso, caracterizado pela estrutura do *lead*, fornece todas as informações necessárias para se compreender o acontecimento de maneira sucinta, uma vez que as questões principais em torno do que aconteceu (o quê ocorreu; quem está envolvido; quando e como aconteceu; entre outras) são “respondidas” diretamente. É a “técnica” da pirâmide invertida, expõe as informações fundamentais da notícia já nos primeiros parágrafos.

¹ Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação

² Graduanda do curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp, Bauru – SP. E-mail: mariana.mandelli@yahoo.com.br

³ Graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista - Unesp (1987), mestrado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo - USP (1993) e doutorado em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade de São Paulo - USP (2000). Atualmente é professor titular - Unesp. E-mail: bulhoes@faac.unesp.br



Além disso, a notícia passa por diversos filtros antes de ser publicada. O acontecimento atravessa fases até chegar ao leitor. São diversos os profissionais envolvidos: o pauteiro, que faz a pauta e transmite as instruções gerais sobre o a reportagem; o repórter, que coleta as informações em campo, entrevistando e buscando novas fontes; os fotógrafos, que fornecem a ilustração para a matéria em questão; os *designers*, que formatam graficamente a página; o editor geral, que irá decidir o que deve ser publicado de acordo com a linha editorial do veículo, entre outros aspectos do processo. Ou seja: há limites rigorosos para a criatividade do profissional. O formato da informação que chega ao leitor é condicionado pela estrutura do meio de comunicação que a veicula.

Em meio a todas essas restrições, formatos estabelecidos e linearidade, parece ter surgido, nos últimos anos, um interesse do público leitor e de algumas editoras por uma expressão jornalística destoante da padronização vigente, o que parece conduzir à convergência do jornalismo com a expressão literária. Atinge-se, assim, a denominação “jornalismo literário”. Nomes atuais, alguns bastante conhecidos na mídia jornalística, parecem reforçar esse interesse. Um exemplo é o jornalista Caco Barcellos, autor de livros-reportagens como *Rota 66 - A História da Polícia que Mata* e *Abusado - Dono do Morro Dona Marta* (ambos relançados pela Editora Record em 2003).

A editora Companhia das Letras vem publicando, desde 2003, livros que compõem sua chamada coleção Jornalismo Literário. São obras como *A sangue frio* (2003), de Truman Capote; *Chico Mendes - Crime e Castigo* (2003), de Zuenir Ventura; *A Milésima segunda noite da Avenida Paulista* (2003), de Joel Silveira; *O segredo de Joe Gould* (2003), de Joseph Mitchell; *Fama e Anonimato* (2004), de Gay Talese; *A feijoada que derrubou o governo* (2004), de Joel Silveira; *O Imperador* (2005), de Ryszard Kapuscinski; *Filme* (2005), de Lillian Ross, e *Radical chique e o Novo Jornalismo* (2005), de Tom Wolfe. Muitos destes nomes são pertencentes à vertente do *New Journalism* (ou Novo Jornalismo) norte-americano, datada da década de 60 do século passado, conhecida por cruzar literatura com jornalismo, humanizando os personagens e detalhando os fatos, introduzindo, assim, um aparente tom ficcional – próprio do texto literário – às reportagens.

No Brasil, um nome que merece destaque certamente é o de Joel Magno Ribeiro Silveira. Silveira nasceu em 23 de setembro de 1918 em Aracaju, capital do Estado do Sergipe e mudou-se para o Rio de Janeiro no ano de 1937, onde começou a trabalhar como escritor e jornalista. Sua obra foi reconhecida pela Academia Brasileira de Letras,



em 1998, com o prêmio "Machado de Assis". Além desse, recebeu o "Líbero Badaró", o "Prêmio Esso Especial", o "Prêmio Jabuti" e o "Golfinho de Ouro". Seu estilo de narrar os fatos conferiu a ele o título popular de "víbora", que tenta caracterizar a linguagem ferina e irônica com que descrevia importantes figuras do cenário político brasileiros dos anos de 1940, 1950 e 1960.

Embora tenha ficado conhecido atuando no jornalismo de guerra, o que se reconhece em obras como *O Inverno da Guerra* (2005), da editora Objetiva, Joel Silveira destacou-se também pela peculiaridade e sensibilidade para escrever *perfis*, tanto de anônimos como de "notáveis". Seu talento em apreender a personalidade de seus entrevistados de maneira primorosa, traduzindo em palavras as características pessoais dos indivíduos, revelou o jornalista como o maior realizador do gênero perfil no Brasil. Sua habilidade em usar o jornalismo com atributos presentes na literatura para escrever perfis é um aspecto da imprensa brasileira que merece ser discutido.

Assim, tendo como interesse estudar a obra de Joel Silveira, este projeto pretende discutir o perfil como um gênero de textualidade jornalística.

Problematização

Este item deste projeto de pesquisa foi acrescentado para facilitar a apresentação dos argumentos teóricos que dêem os subsídios necessários para a realização desta pesquisa, problematizando o tema escolhido para estudo.

A consagração do jornalismo padronizado parece inviabilizar o espaço para a criatividade dos jornalistas. Isto decorre de diversos fatores, como a rotina profissional de uma redação e a linha editorial dos veículos:

Dois pontos importantes deve ter o jornalista à mente quando começa a escrever: o homem moderno é apressado, preocupado, não dispõe de muito tempo para dedicar à leitura de jornais e revistas; e o público a quem se destinam jornais e revistas é um público variado, onde se misturam pessoas cultas, pessoas alfabetizadas e pessoas um pouco menos que analfabetas. Consciente disso, o profissional precisa: ser conciso, evitando sempre a prolixidade e o fastígio; escrever tomando por base não seus eventuais leitores cultos, mas os pouco menos que analfabetos. Resumindo: deve ser simples e claro na construção das frases e escolher as palavras mais usuais possíveis (AMARAL, 1987, p.53).

É claro que pela sua natureza e pelo seu caráter, a publicação de empresa tem certos requisitos intransferíveis, até mesmo inconfundíveis. Na medida que se restringe, que se especifica, que se particulariza e que se especializa, a publicação de empresa também se afasta dos padrões de emoção, de motivação e de atração da grande imprensa. (BAHIA, 1971, p.125).

A linguagem jornalística segue uma série de padrões e regras estabelecidos. Desse modo, estudar a obra de Joel Silveira, um jornalista que procurava manter-se à margem dessas amarras textuais propostas, ganha maior destaque. Percebê-lo como um grande construtor de perfis de grandes personalidades dá maior importância ao desafio deste projeto.

A questão dos gêneros jornalísticos será abordada nesta pesquisa por meio da obra de autores que dissertaram sobre o tema. Entretanto, deve-se ressaltar que o assunto é demasiadamente amplo, gerador de discussões e passível de diversas propostas teóricas de pesquisadores:

Não obstante a identificação dos gêneros jornalísticos constitua uma tarefa a que se têm dedicado os pesquisadores acadêmicos, na verdade a questão tem origem na própria *práxis*. Desde o início das atividades permanentes de informação sobre a atualidade (processo livre, contínuo, regular), colocou-se a distinção entre as modalidades de relato dos acontecimentos. E os que fazem a narrativa cotidiana das novidades (jornalistas) estabelecem padrões para discernir a natureza da sua prática profissional (MELO, 1985, p.32).

Segundo Marques de Melo, os gêneros jornalísticos são variados, como se existisse mais de um tipo de jornalismo praticado no mundo:

Tem toda razão José Martínez de Souza quando diz que “o jornalismo mundial não é uma entidade unificada”, existindo “aspectos formais” que distinguem os diversos jornalismo. Referindo-se especificamente aos gêneros, ele diz: “A imprensa estadunidense somente utiliza dois gêneros: o *comment* e a *story*, enquanto entre os latinos são normais outras divisões em mais de dois gêneros” (MELO, 1985, p.32).

O autor avalia a divisão das modalidades textuais jornalísticas, no Brasil, realizada por Luiz Beltrão. Tal estrutura estaria dividida em jornalismo informativo, interpretativo e opinativo. Entretanto, Marques de Melo ressalta que a influência de diversos modelos de jornalismo resulta na hibridização dos gêneros:



Nosso jornalismo é contemporaneamente o resultado cultural desse conjunto de motivações forâneas, sem que isso queira significar a existência de uma fisionomia amorfa, produzida pelo entrecruzamento dos padrões estrangeiros. Na verdade, o jornalismo brasileiro estruturou-se criativamente, absorvendo com seletividade os modelos que se nos insinuaram ou impuseram, adquirindo feição diferenciada. Quando, por exemplo, observamos o jornalismo praticado nos vizinhos países hispano-americanos reconhecemos a persistência dos traços espanhóis, naturalmente modificados pelo influxo das técnicas norte-americanas que penetram avassaladoramente. No nosso caso, não. Temos um jornalismo morfologicamente distante dos padrões portugueses, mas que também não constitui uma cópia dos modelos franceses e norte-americanos (sem dúvida nossas maiores fontes de inspiração) (MELO, 1985, p.132).

Tendo em vista a frágil questão dos gêneros jornalísticos, pretendemos buscar o perfil como uma modalidade textual dentro do jornalismo. Sodré, em *Técnica de Reportagem* (1986), aborda o perfil jornalístico:

Há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de perfil (SODRÉ, 1986, p.125).

Sodré deixa claro que o enfoque principal do perfil é o personagem a ser retratado pelo jornalista:

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é o protagonista de uma história: sua própria vida. Diante desse herói (ou anti-herói), o repórter tem, via de regra, dois tipos de comportamento: ou mantém-se distante, deixando que o focalizado se pronuncie, ou compartilha com ele um determinado momento e passa ao leitor essa experiência (SODRÉ, 1986, p.126).

Este personagem – a pessoa a receber tal enfoque – a ser retratado normalmente é uma figura importante, de alguma relevância social:



Nem sempre temos diante de nós personalidades tão surpreendentes. É o caso, por exemplo, de celebridades que se inscrevem em categorias: esportistas, cantores, milionários, princesas etc. A menos que se salientem por outro traço qualquer, o normal será enfatizar, no perfil, justamente aquilo que lhe deu fama – habilidade, talento, dinheiro, beleza ou qualquer atributo típico de duas classes ou profissões. (SODRÉ, 1986, p.134).

Ricardo Kotscho, jornalista e pesquisador da área de comunicação, também discute, em *A Prática da Reportagem* (2003), o perfil jornalístico:

Filão mais rico das matérias chamadas humanas, o perfil dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado – seja sobre um personagem, um prédio ou uma cidade. Para isso, é necessário que ele se municie previamente sobre o tema de que vai tratar: para ir fundo na vida de uma pessoa ou de um lugar, é preciso, antes de mais nada, conhecê-lo bem (KOTSCHO, 2003, p.42).

Sodré disserta sobre a linguagem utilizada em um perfil jornalístico:

Vale assinalar a importância das lembranças como tônica do texto, o que influi na organização discursiva: o narrador “pensa” mais do que fala ou pergunta; alterna as impressões de rigidez da mulher de hoje, com as informações do passado; mistura discursos diretos com indiretos e chega, ao indireto livre (SODRÉ, 1986, p.136).

Chegando a este ponto, é importante ressaltar que este projeto não pretende analisar o cruzamento entre literatura e jornalismo de maneira ampla. A história do jornalismo e da literatura; os primeiros momentos de convergência; as influências que essas intersecções provocaram em ambas as partes; os principais autores que realizaram esses “encontros” com maestria, enfim, todos esses e mais outros aspectos não fazem parte do objetivo deste projeto. A história da imprensa e outros aspectos só serão solicitados na medida em que atenderem para os interesses específicos da pesquisa. Ou seja, o que se pretende é analisar a obra de Joel Silveira, a qual se atribuiu de alguns aspectos literários e incluiu-os em seu texto de natureza jornalística. A sagacidade com que Silveira descreveu grandes personalidades demonstra que o autor injetou em seu texto não apenas as técnicas de entrevista ou reportagem, que denotam características jornalísticas, mas visíveis componentes literários.

Para atender a nossos objetivos, serão selecionados alguns textos de Silveira que formarão o *corpus* da pesquisa. Seus principais perfis de personalidades serão avaliados.



Um exemplo é o texto sobre Graciliano Ramos, retratando o escritor de maneira peculiar: “O encadernador me entrega os livros de Graciliano, que mandei vestir de roupa nova, mas não tão cara como eles merecem. A maioria traz dedicatória, naquela letra de um desenho seco, que era sua principal marca” (SILVEIRA, 1968, p.21).

É como se Silveira construísse uma “pintura impressionista” do entrevistado:

Agressivo e duro, Graciliano negava-se a ver o lado bom do mundo, suas possíveis venturas e alegrias. Era um amargurado que se alimentava da própria amargura, e que levou para os seus livros esse travo de fruta verde que era o gosto que ele sentia da vida (SILVEIRA, 1968, p.22).

Na obra de Silveira, ainda é possível encontrar perfis que delineiam verdadeiros retratos de períodos históricos, movimentos sociais e políticos. O mesmo tom literário e pessoal pode ser encontrado no perfil de João Goulart:

Nas idas e vindas pela fronteira, uma das paradas obrigatórias é na fazenda dos Vargas, na vizinhança. O velho Vicente Rodrigues Goulart é tido, na estância do Coronel Vargas, como pessoa de casa, principalmente pelo Dr. Getúlio, de quem é amigo desde que ambos eram meninos. Quando Getúlio se forma e vem advogar em São Borja, é o coronel Vicente Goulart que lhe envia os primeiros clientes. Ainda hoje João Goulart guarda várias cartas em que seu pai fazia a apresentação daqueles clientes, todas elas terminando sempre com o mesmo pedido: o de que o jovem advogado não cobrasse muito caro pela sua advocacia (SILVEIRA, 1962, p.15).

Silveira descreve também o ambiente em que o entrevistado está inserido, como se este fator fizesse parte da personalidade a ser perfilada por ele:

O apartamento de João Goulart, na Av. Rainha Elizabeth, entre Copacabana e Ipanema, tem esse jeito comum a toda casa de solteiro. Não há cozinha, nem arrumadeira. O peão Jacinto encarrega-se de manter o apartamento numa ordem relativa, o que nem sempre consegue. Quando estive lá, manhã cedo, quis beber água e me apontaram uma geladeira, na cozinha: “Vá lá e se sirva”. Bananas velhas num armário, a pia transborda de xicrinhas sujas de café, um mamão pela metade endurece na geladeira (SILVEIRA, 1968, p.16).

A partir da descrição de um indivíduo, Silveira conseguia retratar as peculiaridades de uma época, um movimento histórico ou um lugar em especial. Em seu texto “Encontro com o Cangaço”, sua conversa com alguns cangaceiros que fizeram parte do grupo de Lampião permite ao leitor vislumbrar o panorama da era do cangaço no Brasil, a partir de particularidades expressas nas palavras dos membros do grupo:

É uma tarde de quinta-feira, e estamos aqui, num dos mais amplos salões da Penitenciária da cidade do Salvador, diante de seis famosos ex-cangaceiros: Volta Seca, Ângelo Roque, Saracura, Cacheado, Deus Te Guie e Caracol. Deus Te Guie é quase um menino, apenas dois anos de banditismo nas caatingas, mas Ângelo Roque já vai se aproximando dos cinqüenta: tem um rosto grave, de uma tristeza séria. O sertão deixou nele profundas marcas – as faces cortadas por rugas como talhos e nos olhos um brilho de sol inclemente (SILVEIRA, 1968, p.36).

Pode-se perceber, nos excertos acima, que o tom literário de Silveira encontra afinidades com aspectos do *New Journalism*, vertente dos anos 1960 criada por repórteres norte-americanos que mais aproximou o jornalismo da literatura, já que propunha uma “familiarização” do jornalista com pauta, trabalhando com aspectos objetivos e subjetivos da realidade. Silveira revela em seus textos uma espécie de confluência com essa vertente, tanto em seus textos sobre guerra quanto em seus artigos e perfis. O texto do autor brasileiro marca uma série de semelhanças com os artifícios textuais utilizados pelos autores do *New Journalism*. Para delinear melhor essa relação, este projeto não pode dispensar uma análise que relacione os perfis escritos por Silveira com os perfis feitos por Gay Talese, tido como um dos ícones do *New Journalism* e um dos maiores realizadores do perfil jornalístico da imprensa internacional. Os textos de Talese que serão analisados descrevem personalidades, como a de Frank Sinatra:

Sinatra resfriado é Picasso sem tinta, Ferrari sem combustível – só que pior. Porque um resfriado comum despoja Sinatra de uma jóia que não dá para pôr no seguro – a voz dele -, mina as bases de sua confiança e [...] parece também provocar uma espécie de contaminação psicossomática que alcança dezenas de pessoas que trabalham para ele, bebem com ele, gostam dele, pessoas cujo bem-estar e estabilidade dependem dele. Um Sinatra resfriado pode, em pequena escala, emitir vibrações que interferem na indústria de entretenimento e mais além, da mesma forma que a súbita doença de um presidente dos Estados Unidos pode abalar a economia do país (TALESE, 2004, p.338).



A presença dessas citações não significa que a bibliografia sobre o tema seja extensa. É importante ressaltar que os estudos sobre o assunto ainda são escassos. Não existe uma teorização sólida do perfil como uma modalidade textual do jornalismo, como um tipo de texto que detém um alto grau de informação.

É desta maneira que a discussão sobre o tom impressionista, subjetivo e literário que Silveira adota faz parte deste projeto. Através dos textos dele, pretende-se perceber como o perfil jornalístico foge dos outros tipos de textos jornalísticos, evidenciando suas particularidades. Assim, indiretamente, será possível demonstrar como a especialidade no texto de Silveira é o que lhe garantirá a permanência no *hall* dos maiores jornalistas que o Brasil já teve. Seu texto ultrapassou décadas e os seus registros jornalísticos das principais personalidades brasileiras permaneceram como alguns dos grandes momentos em que um estilo de um “autor-jornalista” captou a personalidade de seu entrevistado, em um texto sincero, livre das amarras das grandes redações dos jornais.

Justificativa

A realização deste projeto de pesquisa decorre de diversos fatores. A primeira é propor uma reflexão em torno do gênero pesquisado, o perfil jornalístico, por meio da obra de Joel Silveira. Estudando os aspectos formais do perfil, propõe-se compreender a maneira com a qual este consegue concentrar e transmitir a informação jornalística. Estudar o perfil é entendê-lo como gênero viável à prática textual do profissional jornalista, assim como são a reportagem, a entrevista, o artigo, o editorial, etc. Assim, este projeto justifica-se pela importância de analisar o perfil como modalidade textual, avaliando sua função dentro dos gêneros textuais do jornalismo.

O perfil jornalístico não é um gênero massivamente praticado ou explorado no cenário contemporâneo. Resgatá-lo em meio ao engendramento da produção jornalística atual é promover uma reflexão sobre as formas expressivas de jornalismo. Ler a obra de Silveira e avaliar seus procedimentos textuais é de extrema importância para um curso de comunicação social – ainda mais a habilitação em Jornalismo. Difundir a obra de Joel Silveira, ainda que somente no meio acadêmico, é divulgar os textos daquele que foi uma das figuras mais importantes do jornalismo brasileiro do século XX. Pesquisar o seu verdadeiro dom de captar os trejeitos de seus entrevistados é tornar seu estilo acessível culturalmente. É mostrar aos estudantes e pesquisadores da área uma

alternativa ao texto regrado publicado hoje nos grandes jornais; é demonstrar uma vertente do jornalismo literário pouco difundida, mas nem por isso de menor teor informativo.

Estudar o texto e a maneira de escrever de Silveira é compreender todo um estilo, único e peculiar, que contou a história de grandes personagens políticos brasileiros do século XX. Sua maneira de transmitir as informações parece demonstrar características peculiares de construção textual. Além disso, avaliar sua obra – mais precisamente o caso do perfil jornalístico – é apreender a visão do autor sobre a realidade política brasileira nos anos de 1940, 1950 e 1960, principalmente. Sua captação da personalidade e das *nuances* do entrevistado demonstra o “atrevimento”, segundo os padrões jornalísticos atuais, presente em seus textos, sua técnica “apimentada”, que ora promovia a “glorificação” do indivíduo, ora a crucificação. Sua altivez, sagacidade e ousadia beiravam, para muitos, a petulância e arrogância. Silveira “auscultava” seus entrevistados, inquirindo perguntas mordazes que o denotavam à posição de um importante assimilador da realidade brasileira das principais décadas do século XX. Sua visão particular dos fatos e das pessoas resultava em textos bem construídos, que descreviam de maneira peculiar as características de seus entrevistados apreendidas em longas conversas.

Enfim, este projeto tem como um dos motivos concretos para sua efetiva realização o estudo da inovação proposta por Silveira dentro do jornalismo brasileiro. Sua paixão pela reportagem incentivou-o à prática de perfis memoráveis de personalidades brasileiras. Esta pesquisa é a tentativa de trazer à tona um gênero pouco praticado na estrutura jornalística presente nos jornais da atualidade.

Objetivos

O objetivo principal da realização de uma pesquisa em torno do gênero perfil, abordando especificamente a obra de Joel Silveira, é promover um estudo sobre essa modalidade de texto. É a tentativa de apreender o universo do autor e a maneira com que ele observava e apreendia a realidade à sua volta – especialmente os principais personagens que a compunham, importantes figuras do contexto social e político dos anos 1940, 1950 e 1960, período em que Silveira produziu diversos perfis. A meta principal é, portanto, analisar o perfil como um gênero jornalístico de grande importância, demonstrando, através dos textos escolhidos, as peculiaridades de



configuração formal presentes. Entendê-lo como um texto narrativo, descritivo ou dissertativo, ou, ainda, como a condensação – ou hibridismo – dessa e de outras modalidades textuais também surge como um dos objetivos da pesquisa. Objetivamos, assim, estudar de que modo os perfis escritos por Silveira encaixam-se na teoria dos gêneros jornalísticos. Vale ressaltar que, para tanto, serão analisados somente os perfis realizados pelo autor que descrevem personalidades e indivíduos. Para restringir o corpus da pesquisa, os perfis de lugares, por exemplo, não serão prioridade.

Para entender este tipo de texto como uma informação jornalística surge como um objetivo conseqüente uma breve avaliação da obra daquele que foi um dos maiores praticantes do perfil jornalístico durante o período do *New Journalism* norte-americano: Gay Talese. Estudar a obra de Talese é necessário, tanto para conhecer e avaliar seu estilo, quanto para perceber confluências com o texto de Silveira. Talese foi um dos maiores expoentes do movimento que revolucionou a maneira de se realizar grandes reportagens e transmitir notícias e informações diante do “engessamento” pelo qual o jornalismo estadunidense passava, preso às amarras do *lead*, pirâmide invertida e outras imposições que mutilavam a capacidade inventiva e criativa dos jornalistas. Assim, por meio de sua obra *Fama e Anonimato* (2004), este projeto propõe o estudo de aspectos textuais de Talese, por meio de alguns perfis selecionados, tendo em vista a dificuldade de analisar um livro em sua totalidade. Portanto, o que se pretende nesse ponto é realizar um cotejo entre a produção dos dois autores.

Assim, será importante identificar na obra de Silveira características que, de certa maneira, já “anteviam” o *New Journalism*. Segundo Audálio Dantas, “quando o *New Journalism* começou a sacudir algumas redações por aqui, nos anos 60, Joel Silveira já era um novo jornalista havia mais de vinte anos. Era, digamos, o nosso novo jornalista histórico” (1998, p.88). Encontrar “sinais” desse importante movimento jornalístico-literário nos livros do brasileiro impulsiona nosso estudo a relacionar aspectos e buscar semelhanças.

É importante indicar aqui uma possível dificuldade no levantamento do corpus da pesquisa. Silveira publicou diversos livros (cerca de quarenta), nos quais alguns textos se repetem sem que critérios editoriais sejam estabelecidos. Além disso, muitos de seus artigos e perfis foram publicados em revistas e periódicos, como *O Cruzeiro* e *Diretrizes*. Como se vê, sua obra é dispersa. Entretanto, isto não deve ser encarado como um obstáculo concreto para nosso estudo. Serão selecionados textos que são nitidamente associados ao gênero perfil. O corpus será restringido para um melhor



estudo do texto do autor. Para tanto, serão utilizados, inicialmente, os livros *Um Guarda-Chuva para o Coronel* (1968), *Vinte Horas de Abril* (1969), *Tempo de Contar* (1985), *A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista* (2003) e *A Feijoada que Derrubou o Governo* (2004). Tais obras são coletâneas que reúnem muitos dos principais perfis escritos pelo jornalista.

Como uma espécie de objetivo final, propõe-se, ao estudar o perfil, uma modesta contribuição para a teorização desse gênero. Pretende-se avaliar as modalidades textuais do jornalismo (e suas respectivas características) e, a partir de tal avaliação, procurar o “lugar” do perfil dentro do jornalismo. Serão utilizados como suporte teórico os textos e obras já publicados sobre o assunto de pesquisadores como José Marques de Melo, Muniz Sodré e Ricardo Kotscho.

Metodologia

Este projeto possui natureza analítica e interpretativa para a pesquisa do perfil - como gênero jornalístico - realizado por Joel Silveira. Debruçando-se sobre pressupostos teóricos da teoria do jornalismo – em especial a questão dos gêneros jornalísticos. Não serão utilizadas teorias que dizem respeito à Linguística, nem teorias que abordem questões gramáticas ou sintáticas.

A partir de uma metodologia analítica, pretende-se abordar também a relação entre jornalismo e literatura, especialmente no que diz respeito à ligação dos textos de Silveira com o *New Journalism*. Entretanto, devido à amplitude da questão, a relação dos dois gêneros será encarada de maneira restrita, abordando apenas os pontos fundamentais dessa relação – como teorias sobre os gêneros narrativos. Livros de autores como Nelson Traquina, Ricardo Kotscho, José Marques de Melo e Muniz Sodré serão vastamente utilizados, uma vez que abordam a questão dos gêneros textuais dentro do âmbito jornalístico. Como embasamento fornecido por esses autores, fica a proposta da discussão do perfil como uma modalidade textual, como um tipo de texto que cruza a objetividade e a subjetividade. Suas semelhanças, peculiaridades e distinções em relações aos outros gêneros serão avaliadas, com o objetivo de consolidar – e de certa maneira teorizar - o perfil como um gênero textual definitivo.

Pretende-se também, a partir do estudo da história da imprensa, traçar um histórico do perfil jornalístico brasileiro, destacando como ele surgiu e qual sua trajetória como um gênero nos grandes jornais brasileiros. Desta maneira, a



interpretação da obra de Joel Silveira que aborda os perfis jornalísticos poderá ser vista por meio de uma metodologia de cunho analítico.

Referências bibliográficas

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra, 1996.

_____. **Técnica de Jornal e Periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: IBRASA, 1972.

_____. **Jornalismo Informação Comunicação**. São Paulo: Martins, 1971.

BELO, Eduardo. **O livro-reportagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BOAS, Sergio Vilas. **O Estilo Magazine – o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura: a Sedução da Palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 2004.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DANTAS, Audálio (Org.). **Repórteres – Textos Reunidos**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. Editora Ática, São Paulo, 2003.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1993. (Série Princípios, vol. 37).



LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1988. (Coleção Novas buscas em comunicação, vol 24).

MELO, José Marques de. **Gêneros Jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1985.

_____. **A opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro**. São Paulo: Summus, 1991.

SILVEIRA, Joel. **A Feijoada que Derrubou o Governo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Um Guarda-Chuva para o Coronel**. Rio de Janeiro: BUP, 1968.

_____. **A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Tempo de Contar**. Rio de Janeiro: Record, 1986.

_____. **Vinte Horas de Abril**. Rio de Janeiro: Editora Saga S.A., 1969.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Redação: o texto no jornalismo impresso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.